

A MULHER EM DOIS TEMPOS

M. dos Santos Pires©

RESUMOⁱ

Este artigo apresenta uma comparação da representação da figura da mulher nos filmes **Lua de Outubro** e **Tolerância**, mostrando como o estudo dessa representação pode ser utilizado nas aulas de Português Língua Estrangeira.

PALAVRAS-CHAVE: mulher, cinema, português Língua Estrangeira.

Dando continuidade ao trabalho de Rossiⁱⁱ, sobre os filmes **Lua de Outubro**, de Henrique de Freitas Lima, e **Tolerância** de Carlos Gerbase, pretende-se fazer uma comparação da figura da mulher representada em ambos os filmes. A escolha desses dois filmes gaúchos se deu pelo fato de apresentarem a mulher em duas épocas diferentes.

A mulher tem sido representada das mais diversas formas na literatura universal. Algumas vezes, ela é mostrada como oprimida, dominada por um marido tirano; outras vezes, é ela quem oprime, é a grande matriarca que tem sob seu poder toda uma família. Não se pode esquecer a mulher apaixonada, que pelo seu amor chega até a loucura, como a **Medéia** de Sófocles, que sacrifica até seus filhos por seu amor e ciúme. Na literatura brasileira, temos ainda, Capitu mulher adúltera de **Dom Casmurro**, de Machado de Assis. Na literatura gaúcha aparece a mulher forte, batalhadora e que sofre com sua condição de mulher. É o caso da personagem Ana Terra, de **o Tempo e o Vento** de Érico Veríssimo.

Essa comparação mostra-se pertinente para ser utilizada nas aulas de PLE, à medida em que através de uma visão da representação da mulher nesses dois filmes, tem-se uma compreensão de como esse tema é abordado e conseqüentemente a questão da identidade cultural brasileira.

1. Lua de Outubro

Lua de Outubro tem sua trama desenvolvida ao final da revolução entre

Republicanos (chimangos) e Federalistas (maragatos), da qual os Republicanos saíram vencedores.

No filme têm-se seis diferentes tipos de mulher. A primeira delas é Dona Eleonor, mulher do início do século XX. É uma mulher sujeita às vontades de seu marido, que traz consigo uma herança secular de submissão, colocando os desejos e anseios da família e, principalmente do marido, à frente dos seus. Para Dona Eleonor seus desejos, sonhos, sexualidade, vontade, aspirações precisam ser ocultados e reprimidos, pois são pecados, frutos do demônio.

Sua filha, também chamada Eleonor, é uma jovem que passou boa parte da vida em um colégio de freiras, o Colégio Santa Edriges, conseqüentemente, lá sofreu os rígidos controles de uma instituição religiosa. A jovem Eleonor tem sua personalidade moldada pela rigidez e repressão da família e das freiras do colégio, as quais resultam num comportamento dissimulado.

Eleonor é uma jovem que, apesar de não se rebelar contra a sociedade conservadora e repressora da época, dá vazão a sua sexualidade ao se sentir atraída por um dos empregados da fazenda de seu pai. Este fato, que seria considerado como natural em nossos dias, é visto como algo extremamente reprovável em uma mulher daquela época.

Enquanto estava no colégio mantinha encontros secretos com seu amante. Quando os soldados invadem o colégio em busca de refúgio, ela é flagrada nos braços do amado. Para encobrir a vergonha ela simula um estupro, matando o amante para silenciá-lo e conseqüentemente inocentá-la diante das testemunhas. Depois desse evento trágico, o seu sofrimento não é verbalizado e ela se fecha no mais absoluto silêncio.

A terceira personagem feminina é irmã Remédios, freira do Colégio Santa Edriges, encarregada de levar Eleonor para casa, assisti-

la e zelar pela sua integridade moral através de uma austeridade religiosa, afastando e protegendo Eleonor das tentações atribuídas ao demônio. Esse demônio aparece personificado na figura do Capitão Pedro Arsabal, hóspede de seu pai na fazenda, despertando novamente a sexualidade da moça. Ela sofre ao perceber seus desejos e tenta reprimi-los o quanto pode, isolando-se do contato social, mas atormentada pelas lembranças.

Por motivos culturais a repressão mais intensa incide sobre os instintos sexuais; mas é precisamente em relação a eles que a repressão mais facilmente falha, de modo que se verifica que os sintomas neuróticos são substitutivos da sexualidade reprimida. Como afirma Freud: "É quase impossível conciliar as exigências do instinto sexual com as da civilização"(1996:38). Eleonor desenvolve problemas psicológicos por causa desses conflitos. Seu pai preocupado culpa a freira pelo comportamento estranho da filha e manda Irmã Remédios embora de volta para o convento. Eleonor passa a viver momentos de *normalidade*, ela não consegue resistir aos seus desejos e acaba entregando-se à sedução do Capitão Pedro e o romance entre os dois é iniciado secretamente. Ela fica perturbada com essa situação, por sua criação repressora, o seu sentimento de culpa leva-a a assassinar o seu novo *amante*.

A mulher forte que tem liderança, bem como, a prostituta - mulher objeto - e a mulher sábia, representada por uma vidente são os outros três tipos de mulheres apresentados no filme. A mulher valente é representada pela *Gorda*, que enfrenta os homens no mesmo grau de igualdade; não tem medo de mistério. Isso é comprovado quando o companheiro precisa achar seu cavalo e, tem medo de ir consultar uma cigana. *Gorda* afirma não ter medo e oferece-se para acompanhá-lo (1: 17').

A mulher objeto sexual, representada por três prostitutas, vive à margem da sociedade, vítima do preconceito. A prostituta Mercedes é a única figurante que verbaliza sua inferioridade e sua condição de vítima de abuso dos homens "que judiam da gente". Ela reclama com certa resignação que são exploradas,, afirmando que "mais homem ou menos homem não faz diferença", pois eles não podem se envolverem emocionalmente com uma *mulher da vida*.

O último tipo de mulher destacado no filme é a *bruxa Viviana*, mulher idosa que vive isolada e que é procurada por sua sabedoria como conselheira e adivinha. Viviana adverte o capitão Pedro para se afastar da *mamboretá negra* e da sensualidade das luas cheias de verão, que podem resultar em derramamento de sangue inocente no futuro. Assim, a bruxa Viviana, através de seu misticismo apresenta a mulher sábia a quem nada escapa.

No início do filme (0:14':55"), quando três homens conversam, observam um inseto chamado *mamboretá*. Um deles comenta que a fêmea daquele inseto é traiçoeira, pois depois de copular com o macho, ela o mata. Essa passagem vem a ser um prenúncio do que acontece na trama do filme - Eleonor depois de relacionar-se com os dois amantes, assassina-os friamente mostrando que a mulher, embora vítima de sua condição, pode ser muito perigosa se deixar sua natureza agir. Enfim, a mulher em **Lua de Outubro**, é mostrada em suas mais diferentes facetas.

Observando a forma como a mulher aparece em **Lua de Outubro**, nota-se que ela está representada de quatro maneiras diferentes, ou seja, a mulher submissa (D. Eleonor) é a esposa dedicada ao marido e à família, mas de pouca representatividade quando as decisões são tomadas, sendo apenas uma figurante. A prostituta (Mercedes) está também, em submissão, aos homens que a usam, embora possamos dizer que ela, diferente de D. Eleonor, possui uma sexualidade menos reprimida. A mulher astuta (Viviana) mostra-se independente em sua sabedoria de mulher experiente e mística. A mulher com rígidos padrões de moral (Remédios) é a mulher controladora que tem a seu lado o poder da igreja, e que com esse poder compete com os homens, sendo excluída quando isto acontece. A jovem (Eleonor) é a mais maliciosa de todas. Faz o papel de vítima do sistema, mas tem a cumplicidade de seu pai para protegê-la. Ela, de uma certa maneira, traz consigo todas as características dessas personagens reunidas em sua pessoa, o que a torna, do ponto de vista da sociedade repressora e machista, perigosa.

Dessa forma, a mulher é representada como vítima de uma sociedade repressora e machista, mas ao mesmo tempo ela é temida

por sua astúcia, por sua malícia, sendo muito traiçoeira como a *mamboretá*.

2. Tolerância

O filme **Tolerância** está inserido num contexto diferente de **Lua de Outubro**. A trama se desenrola em espaço e tempo diferentes. O período é do final do século XX com todas as suas transformações, e o espaço é urbano, mais precisamente a cidade de Porto Alegre.

No filme, a mulher surge na figura de três personagens: Márcia (a mãe), Guida (a filha), Ana Maria (amiga da filha). Márcia é a mulher moderna, atuante, inteligente e sedutora. O lar está centrado em sua pessoa, uma advogada de sucesso que conquistou a independência profissional. É casada com Júlio, um marido moderno, o qual não domina sua mulher, mas que mantém como ela uma relação aparentemente aberta. Eles conversam sobre os problemas com franqueza. Há um pacto entre os dois de sempre contar tudo o que acontece com eles, um para o outro.

A filha do casal, Guida, é uma jovem de comportamento comum, alegre, descontraída, ligada à música (ela canta em uma banda de rock). Ela vê o casamento de seus pais como perfeito, tendo grande admiração por eles.

Ana Maria, amiga de Guida, é bonita, tem uma sensualidade juvenil que agrada a uns e provoca insegurança e desconforto em outros. Júlio envolve-se com uma garota chamada Sabrina, pela internet. No entanto, essa garota é Ana Maria, a amiga. Ele não tem conhecimento desse fato, mas ela sabe quem ele é.

O encontro das três mulheres acontece em uma casa de campo durante um final de semana. Ao mesmo tempo, Márcia, também envolve-se com Teodoro, um cliente, o qual ela defende num importante julgamento. O envolvimento dela, embora passageiro, foi real, enquanto Júlio apenas conversa virtualmente com sua *amiga*. O pacto de tolerância é testado, quando Márcia revela para Júlio o seu envolvimento com Teodoro. O marido considera uma traição o ato da mulher e fica ressentido. Apesar de eles acabarem por se entenderem, ele não aceita de todo o que aconteceu. Oportunamente, Ana Maria, aproveitando-se de uma ausência de Márcia, insinua-se para Júlio, e ele deixa-se envolver por

ela. Todavia, Júlio não consegue esquecer a aventura de sua mulher e o relacionamento dos dois entra em crise. Márcia o incentiva a fazer o mesmo que ela, para que ambos possam ficar em nível de igualdade. Ele acha a idéia absurda, mas com o decorrer da história acaba consumando o caso com Ana Maria

O direito de igualdade que Márcia propõe evoca um interessante questionamento, que Foucault, em **História da Sexualidade**, menciona:

Por um lado, de que maneira se poderia aceitar que um marido tivesse relações com uma serviçal se não se reconhece, para uma esposa, o direito de ter relações com seu servidor? O direito que é contestado de um lado não pode ser atribuído de outro.

Quando Márcia fica sabendo que foi com a amiga de sua filha que Júlio se envolveu, ela não aceita, procurando Ana Maria para tirar satisfações. As duas discutem e se enfrentam violentamente, quando Guida, para defender a sua mãe, mata Ana Maria.

Júlio fica sendo o principal suspeito da morte de Ana Maria e Márcia para proteger a filha, desvia a suspeita do crime para outro homem. Para isso, ela arma toda uma encenação, deixando no banheiro de Ana Maria uma camisinha contendo o sêmen desse homem. Com isso ela consegue a absolvição do marido e suas vidas retomam o rumo anterior de harmonia familiar e conjugal.

O comportamento de Márcia é extremamente significativo numa representação da mulher *moderna*, a qual sabe como agir de acordo com cada situação. A atitude de aceitação do envolvimento de seu marido com outra mulher, embora em princípio a incomode, não chega a desestruturá-la, até o momento em que descobre que a mulher em questão é a jovem amiga da filha. Isto porque esse envolvimento quebra o padrão de ética que a relação do casal possuía. Foucault, em **História da Sexualidade** menciona sobre esse ponto:

O bom casamento, segundo Musonius, repousa na homonoia; mas com isso não se deve compreender somente uma semelhança de pensamento entre os dois parceiros; trata-se, sobretudo, de uma identidade

na maneira de ser racional, na atitude moral e na virtude. É uma verdadeira unidade ética que o casal deve constituir na vida de casamento.

É possível achar semelhanças entre Márcia e Ana Maria, pois ambas são mulheres fortes e decididas, que sabem conquistar seus ideais. A segunda soube como agir para seduzir Júlio, usando todas suas armas de jovem sedutora. A primeira não só conseguiu absolver o cliente (Teodoro), que era culpado do crime de que o acusavam, como também conseguiu absolver o marido. Interessante notar como nessa situação a fragilidade do homem frente a sua sexualidade, aparece marcada o qual na maioria das vezes é quem domina, subjuga e acima de tudo quem detém o poder. Aqui ele surge como vítima, ou por que não dizer, um "fantoche" dos desejos das duas mulheres e de seus próprios desejos. Essa fragilidade foi observada por Freud:

O homem tem medo de ser enfraquecido pela mulher e por sua feminilidade, e dela então se mostrar incapaz. O efeito que o coito tem de descarregar tensões e de causar flacidez pode ser o protótipo do que o homem teme; e a realização da influência que a mulher obtém sobre ele através do ato sexual, a consideração que ela o força a ter a partir disso, podem justificar a extensão de seu medo.

Essa fragilidade masculina aparece também em **Lua de Outubro**, apesar de aparentemente os comportamentos masculinos serem diferentes, tanto devido à época quanto ao enredo dos filmes. O capitão Pedro e o primeiro amante foram vítimas de Eleonor e seus desejos, assim como Júlio o foi de Márcia e de Ana Maria.

Dessa forma, a mulher em **Tolêrancia** surge num contexto diferente de **Lua de Outubro**, porém tendo características comuns, tais como a sensualidade (Márcia, Ana Maria, Guida, Mercedes, Eleonor, Gorda); a astúcia (Viviana, Eleonor, Márcia, Ana Maria), determinação e coragem (Márcia, Gorda, Ana Maria). Pode-se afirmar que a jovem Eleonor e Márcia são as mais maliciosas e ardilosas de todas, pois ambas mantêm o controle da situação.

Uma observação deve ser feita sobre o comportamento da personagem Márcia, quando

sua filha mata a amiga. Márcia surge no seu papel de mãe tradicional, que ao ver sua filha em perigo é capaz de fazer qualquer coisa para salvá-la. Ela se mostra no papel mais feminino e instintivo que se pode encontrar: o de mãe. Dessa forma, ela abandona o seu caráter de mulher *moderna* em prol de sua natureza feminina, aproximando-se das mulheres do filme **Lua de Outubro**.

Como apresentado no início deste trabalho, o papel da mulher é representado na literatura universal e aqui, por extensão, no cinema, dentro de um universo com muitas facetas. Na condição de freqüente discriminação, preconceito e abusos, a figura da mulher surge representada como aquela que trama para conseguir seu ideais e, assim, coloca-se numa posição de *camuflado poder*.

Estudar essas representações é de grande importância, pois dessa maneira percebe-se como a figura das mulheres sofreu transformações através dos séculos, e como essas transformações vêm mudando os conceitos da sociedade em relação a mulher. Vemos que muitas mudanças ocorreram nas relações entre homens e mulheres, no entanto ainda persistem os traços que a caracterizam como submissa, vítima, reprimida. No que se refere às aulas de PLE, esses estudos são relevantes quanto a seu aspecto histórico-cultural, à medida em que a compreensão dessas mudanças permite uma discussão mais detalhada sobre o assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, Sigmund Freud. **Vida e Pensamento**. São Paulo: Martin Claret, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **A Mulher/Os Rapazes, História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- GERBASE, Carlos. **Lua de Outubro**, 1999.
- LIMA, Henrique de Freitas. **Tolêrancia**, 2000.

NOTAS

¹ Autor, bolsista FIPE, aluno do 6º semestre do curso de Letras. Sob orientação da professora do DLEM, Ana Marilza Bittencourt e co-orientação da professora Dione dos Santos Paz.

² Rossana Cassanta Rossi, **A figura do gaúcho nos filmes Lua de Outubro e Tolêrancia**, (texto a ser publicado neste volume, 2002).